



JORNALISMO FEMININO: A LUTA PELO ESPAÇO DA MULHER NA IMPRENSA BRASILEIRA¹

BORGES, Rosana Maria Ribeiro, doutora, Universidade Federal de Goiás, GO²

CASTRO, Vitória Regina Dutra de, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO³

CRUZ, Yanca Cristina Marques da, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO⁴

FIUZA, Leticia de Souza, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO⁵

MENDONÇA, Luana Cardoso, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO⁶

Resumo:

O artigo tem como foco primordial buscar permanências e rupturas no que concerne ao papel da mulher na imprensa brasileira, visando registrar a imagem do jornalismo feminino como afirmação da existência da mulher enquanto um ser e o feminista enquanto detentora de direitos. Para isso, analisa cronologicamente alguns dos periódicos que marcaram o início da ocupação de mulheres nas redações, tais como o primeiro periódico feminino do mundo, a produção inglesa *The Ladies Mercury*; o *Espelho Diamantino*, que marcou a chegada da imprensa feminina no Brasil; o *Jornal das Senhoras*, como a primeira produção jornalística brasileira feita por mulheres e, por fim, o jornal *A Rosa*, que deu vazão a voz feminina pela primeira vez no Centro-Oeste. Esses periódicos serão abordados sob ótica metodológica referente à abordagem qualitativa, mediante a análise cultural como principal método, bem como do levantamento bibliográfico, da pesquisa documental e da análise de conteúdo enquanto instrumentos de coleta, sistematização e análise de dados. As considerações giram em torno de reflexões sobre a importância da luta pela representatividade feminina no campo da comunicação.

Palavras-chave: Historiografia da Mídia; Jornais femininos e feministas; História do Jornalismo Goiano.

INTRODUÇÃO

Ao analisar a historiografia da mídia impressa, são encontradas muitas respostas para as perguntas que podem surgir sobre o modo com que a sociedade contemporânea funciona. Dessa ideia, partiu a proposição deste artigo, que busca na história do jornalismo feminino permanências, rupturas e contribuições a respeito da posição que as mulheres ocupam atualmente na sociedade mediante a afirmação das suas vozes através dos séculos. Tendo em mãos as respostas encontradas ao analisar a trajetória do jornalismo feminino durante os mais

¹ Trabalho apresentado no **GT Historiografia da Mídia** do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Pós-doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), Doutora em Geografia (IESA-UFG), Mestra em Educação Brasileira (FE-UFG), Bacharel em Comunicação Social (DECOM-UFG). Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (FIC-UFG). E-mail: rosana_borges@ufg.br.

³ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: vregina@discente.ufg.br.

⁴ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: yancacristina@discente.ufg.br.

⁵ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: leticiafiuza@discente.ufg.br.

⁶ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: luanacardoso@discente.ufg.br.



de trezentos anos de sua existência, torna-se evidente o caminho trilhado até a atual posição social da mulher, assim como a definição de seus deveres e direitos.

Para fazer uma análise abrangente, foram utilizados periódicos de diferentes nacionalidades e contextos históricos, culturais e sociais em momentos axiais. A metodologia aplicada na construção deste artigo partiu da abordagem qualitativa, considerando as influências externas aos objetos de estudo e os contextos em que estão inseridos. Utilizando a análise cultural como principal método, foi feita uma relação entre a cultura das épocas em que os periódicos estudados estão inseridos e a atual, a fim de buscar permanências ou contribuições do jornalismo feminino nas bases dos direitos humanos das mulheres e do próprio movimento feminista. Para a sistematização de dados, foram utilizados como instrumentos de coleta o levantamento bibliográfico, por meio de pesquisa de artigos científicos que teve como tema o jornalismo feminino e os direitos das mulheres, bem como a pesquisa documental, possível graças aos acervos digitalizados da Hemeroteca Digital Brasileira e da 17th and 18th Century Nichols Newspapers Collection. Após a catalogação deste material, foi realizada a análise de conteúdo.

Na presente pesquisa, analisou-se o primeiro jornal feminino de que se tem notícia no mundo, o periódico Inglês *The Ladies Mercury*, que foi o objeto principal de um estudo feito por Jouslin (2017) a respeito da relação entre a imprensa periódica e as mulheres no século XVIII. Partindo para o cenário brasileiro, foi estudado o contexto histórico e cultural vivido no país durante a publicação da primeira experiência de jornalismo feminino no Brasil a partir dos estudos de Almeida (1998), Lobato (2013) e Dias (2003). O *Espelho Diamantino*, que é objeto de estudo de muitos jornalistas e pesquisadores como Berçot (2012) e Dal Gobbo (2012), foi a importação tardia do modelo de jornalismo feminino já utilizado no continente europeu e se tornou o primeiro material desse tipo a chegar às mãos das brasileiras. Ainda no Brasil, foi estudado o *Jornal das Senhoras*, o primeiro jornal feminino redigido por mulheres que, de acordo com Mozart (2013), foi fundado por uma feminista obstinada que tinha como projeto a promoção de ideais progressistas e de liberdade feminina. Por fim, registrou-se um periódico goiano do início do século XX, *A Rosa*, que inaugurou a imprensa feminina no estado e ainda revelou uma das mais importantes escritoras brasileiras.

Destaca-se que este estudo foi realizado na disciplina História do Jornalismo, ofertada



ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob orientação da professora Rosana Borges, sendo posteriormente acolhido nas produções do *Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás*⁷, onde foi debatido e ampliado para que pudesse ser submetido ao presente evento.

OS PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO FEMININO

No século XV, com a invenção da prensa móvel de Gutenberg⁸ e o aperfeiçoamento de técnicas de impressão, desenvolveu-se a exploração comercial dessas atividades e, cerca de dois séculos depois, da imprensa, que foi um meio primordial para a difusão de informações na Europa (THOMPSON, 1998). Entretanto, apesar de o advento da imprensa ter otimizado o acesso à informação pela população, essa acessibilidade ainda era reservada a um perfil de leitor específico, normalmente o homem, intelectual e rico.

Porém, sustentado no modelo capitalista, o mercado da imprensa logo viu nas mulheres um público em potencial a conquistar. No século XVII, a Inglaterra se encontrava em uma grande efervescência política e cultural com o fim da Revolução Inglesa⁹ em 1689, que trouxe à tona os ideais de liberdade individual e abalou não só as estruturas monárquicas de poder, mas também as patriarcais. Os ingleses testemunharam durante a Revolução, mulheres da própria Família Real, as irmãs Mary e Anne que futuramente se tornaram rainhas, sendo vistas como potenciais exemplos pelas mulheres inglesas ao se rebelarem ativamente contra a autoridade do pai, o Rei Jaime II, durante a Revolução. Depois desse episódio a ordem patriarcal foi ameaçada, pois muitas mulheres começaram a reivindicar suas opiniões políticas (JOUSLIN, 2017).

Enquanto os ingleses foram os pioneiros, outros países, inspirados pelo modelo inglês, começaram a dedicar periódicos às mulheres. Na Alemanha adicionaram o horóscopo às páginas, na Itália eram publicados tutoriais de tricô e textos com teor católico e na França se

⁷Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e certificado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Link para acesso: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850.

⁸Johannes Gutenberg foi um inventor, gravador e gráfico do Sacro Império Romano-Germânico. Gutenberg desenvolveu um sistema mecânico de tipos móveis que deu início à Revolução da Imprensa, e que é amplamente considerado o invento mais importante do segundo milênio.

⁹A Revolução Inglesa foi um conjunto de guerras civis e mudanças de regime político que ocorreram na Inglaterra, Escócia e Irlanda entre 1640 e 1689. Estas revoluções marcaram a queda do regime absolutista, a ascensão da burguesia e a consolidação da monarquia parlamentarista na Inglaterra.



destacou o modelo mais popular de jornalismo feminino do século XIX, o literário, que veiculava poesias, contos, livros e peças teatrais (OLIVEIRA, 2009). Porém, no seu pioneirismo, os ingleses inauguraram a imprensa feminina no mundo com o primeiro periódico destinado às senhoras de que se tem notícia: o *The Ladies Mercury*.

O THE LADIES MERCURY E SEUS SUCESSORES

Como já mencionado, redatores de jornais ingleses muito rapidamente perceberam que as mulheres se tornariam um público a ser conquistado pelos jornais. Entretanto, a eles não passou despercebido que talvez precisassem abordar assuntos sensíveis à sociedade como questões de gênero, o que interferiria na ordem social tradicional da época. Segundo Jouslin (2017), inicialmente foram feitas abordagens de “tópicos femininos” em jornais masculinos, prática que começou no jornal *Athenian Mercury*, e deste mesmo jornal posteriormente surgiram as publicações do *The Ladies Mercury*. O primeiro periódico feminino do mundo foi inaugurado no dia 28 de fevereiro de 1693, mas teve apenas quatro edições com sua última publicação no dia 17 de março do mesmo ano.

Apesar da efemeridade do *Ladies Mercury*, outros jornais femininos que surgiram depois dele se basearam em seu formato e temáticas. Numa tentativa de preservar o patriarcalismo e promover o distanciamento das mulheres de assuntos que poderiam provocar um desejo de mudança na ordem social vigente, vários “[...] periódicos tentaram esfriar a temperatura política, divulgando uma agenda moral reformista que ensinaria a suas leitoras bom senso e educação. Tal objetivo poderia ser alcançado redefinindo a feminilidade e os limites dos gêneros (JOUSLIN, 2017, p. 4, tradução nossa).

Criado com o objetivo de manipular a formação da consciência da mulher inglesa, o *Ladies Mercury* influenciou a criação de jornais femininos por toda a Europa. Ao possuir o controle sobre o conteúdo discutido nos jornais femininos, a imprensa — composta majoritariamente por homens — trabalhou para manipular a população feminina da época e atravancar o desenvolvimento do senso crítico das leitoras a fim de favorecer seus interesses.

A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL

A relação da mulher com as esferas sociais em que estava inserida era capaz de definir a posição ocupada por ela e, assim, ao mesmo tempo corroborar a formação da identidade do



gênero perante o coletivo (KOSHIYAMA, 2001). Contudo, nota-se que os estudos históricos ao longo dos anos deram voz ao protagonismo masculino nas narrativas, enquanto vozes femininas eram postas em segundo plano:

Os estudos históricos não privilegiam o olhar sobre as mulheres. Fazer de conta que as mulheres não existiam é um comportamento que ajudava a construir a história das mulheres como seres que não tinham identidade própria, reforçando a visão da mulher complemento do homem, Eva costela de Adão. (KOSHIYAMA, 2001, p. 2).

Desse modo, quando colocada em pauta a história da imprensa brasileira, a ordem de ocupação entre os sexos não foi diferente. Para que as mulheres conquistassem o seu espaço na imprensa, fez-se necessário um processo lento, mas de extrema importância para a visibilidade do movimento em prol dos direitos femininos. Antes disso, de um modo geral, é importante ressaltar a tardia chegada da imprensa no Brasil. Historiadores evidenciam que, “enquanto em vários países, em especial os europeus, veículos impressos já estavam consolidados junto a uma população que cultivava o hábito de lê-los, por aqui, os redatores começavam timidamente a aparecer e desenvolver seu trabalho” (LOBATO, 2013, p. 2-3). Diferente dos homens, as mulheres brasileiras tiveram que esperar mais tempo ainda para ter acesso àquilo que já estávamos atrasados em relação a outros países. Essa disparidade pode ser configurada através dos papéis sociais que foram atribuídos a cada sexo, ao homem, era dada a honra de comandar e à mulher a tarefa de permanecer refém aos seus comandos, tal como pontua Dias (2003, p. 3):

[...] As diversidades de interpretações de papéis sociais destinados ao homem e a mulher; que navegam ao sabor da História e se enraizam no imaginário da sociedade, que nos deparamos com assuntos como sexo, profissão, política e outros temas, historicamente destinados ao universo masculino, e cozinha, lar, crianças, bordados, etc. destinados ao universo feminino.

Não obstante, a questão do acesso à leitura era uma das problemáticas a serem enfrentadas, visto que “a leitura, por parte das mulheres era pouca, pois no Brasil, no século XIX, existiam quatro milhões de brasileiras, isso em 1870, e o número de alfabetizadas era de 550 mil, ou seja, menos de 14%” (DIAS, 2003, p. 3). Dentro desse contexto, era normal encontrar mulheres que não haviam frequentado salas de aula enquanto mais novas, em razão da formação educacional, predominantemente, ser colocada como um privilégio possível



apenas para homens brancos e com alta renda. No que concerne à figura feminina, era esperado que executasse bem a função que lhe fora atribuída pelo patriarcado e ensinada através das gerações: a de *dona de casa*.

Após anos tendo o imagético masculino no comando das grandes corporações da imprensa no Brasil, as portas se abriram finalmente para a representação dos anseios femininos. Segundo Muzart (2003), no século XIX, os periódicos voltados à imagem da mulher nasceram com o intuito de buscar pelos direitos que estavam sendo negados há muito tempo, tais como o acesso à educação, à profissão de sua própria escolha e o direito ao voto. Além disso, a força dos movimentos sociais na época trouxe visibilidade para a causa (ALMEIDA, 1998). Somente em 1852, com o *Jornal das Senhoras*, houve a publicação de um impresso desenvolvido de fato pelas mãos de uma mulher. Todavia, segundo Muzart (2003, p. 228):

[...] mesmo que a fundação de um jornal de mulheres tenha acontecido, no Brasil, somente em 1852, pode-se afirmar que antes da segunda metade do século XIX já se observa a participação de mulheres em alguns jornais. [...] Houve vários jornais dedicados às mulheres durante a primeira metade do século XIX (O Espelho Diamantino, Rio de Janeiro, 1827; O Espelho das Brasileiras, Recife, 1831; A Fluminense Exaltada, Rio de Janeiro, 1832, e outros), mas todos eles 'fundados e dirigidos por homens' (grifos do autor).

A respeito das primeiras produções da imprensa feminina no Brasil do século XIX, de acordo com Buitoni (1981 *apud* CASADEI, 2011), é possível afirmar que essas estavam estruturadas entre dois principais eixos: um correspondia à representação por parte de revistas que tinham como objetivo exaltar a figura estereotipada da mulher como mãe e esposa, enquanto o outro era direcionado à conquista de direitos com enfoque nas narrativas de emancipação feminina.

À vista disso, a partir do avanço da imprensa tendo a mulher como centro de sua narrativa, e quanto mais público conquistava, pela primeira vez fora dada às mulheres a chance de se sentirem representadas e de poderem expressar na literatura todas as suas paixões e anseios que iam muito além dos limites atribuídos pela sociedade e das amarras que as prendiam numa perspectiva de submissão. Elas passaram a possuir a autonomia para escreverem as suas próprias histórias, da forma como queriam e como deveriam ser contadas.

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPESP FAPESP

Essa inclusão serviu como importante meio de perpetuação do protagonismo feminino, tal como sintetiza Almeida (1998).

Na contemporaneidade, o jornalismo feminino possui uma visibilidade que teve seu início nas pequenas representações do século XIX e que, por sua vez, ganharam mais espaço e voz para que hoje jovens mulheres pudessem ter a oportunidade de se expressar. Há muito a ser discutido, conquistado e celebrado nas páginas atuais, que compõem uma luta por representatividade a qual nunca teve um fim declarado.

O ESPELHO DIAMANTINO: O PRIMEIRO PERIÓDICO FEMININO DO BRASIL

O Espelho Diamantino, primeiro impresso feminino brasileiro, circulou pela primeira vez em 1827. Diante o contexto em que foi veiculado, Lobato (2013, p. 3) aponta que “[...] mesmo com uma população de mulheres basicamente analfabeta, surge *O Espelho Diamantino*, o primeiro empreendimento editorial ‘dedicado às senhoras brasileiras’, como dizia seu subtítulo”.

Figura 1 – Recorte da capa da primeira edição do jornal *O Espelho Diamantino*



Fonte: *O Espelho Diamantino*, ano I, 1 ed. 1827, p. 1.

Veiculado no Rio de Janeiro, há mais de 190 anos, o jornal proporcionava um debate a respeito do papel da mulher em um país recém independente e apresentava artigos referentes a diversas esferas sociais: política, ciências, artes e moda. Sobre o que concerne o escopo do periódico, Brasil (2020) aponta que os temas publicados correspondiam ao que era esperado pelo raciocínio patriarcal quando se tratava dos interesses femininos, com enfoque nas áreas de moda e às belas artes, assuntos atribuídos ao gosto do “bello sexo.” Segundo o autor, o *Espelho Diamantino* foi lançado quando o Primeiro Reinado chegava ao fim, sendo assim, era



um passo esperado para o processo de ascensão do país junto aos demais, tendo como forte influência as publicações periódicas que já circulavam na Europa há um bom tempo.

O periódico emergiu como forma de instrução ao público feminino, e era publicado quinzenalmente, sem fugir das obrigações que eram impostas ao sexo: o papel de boa mãe e esposa. No que se refere às áreas educativas, o oferecido às meninas era diferente do ofertado aos meninos; para elas, bordado e costura; para eles, noções de geometria. Dal Gobbo (2015, p. 4) pontua ainda que

[...] a permissão legal para que as mulheres frequentassem a escola baseava-se no fato de que o aprendizado adquirido poderia auxiliar no cumprimento dos papéis atribuídos a elas na sociedade oitocentista: os de mãe e esposa. Não havendo, portanto, a visão da educação como instrumento de emancipação feminina, por exemplo, no que diz respeito ao ingresso no mercado de trabalho e consequente independência financeira. O surgimento da imprensa feminina está ligado a esse contexto. Afinal, no mesmo ano da aprovação da Lei de Instrução Pública surgiu *O Espelho Diamantino*, primeiro periódico feminino brasileiro (grifos nossos).

Além do mais, o homem por detrás do jornal era o tipógrafo francês Pierre René François Plancher de La Noé, assinado pelo pseudônimo de Julio Floro das Palmeiras. Consequentemente, o periódico era impresso na própria tipografia de Plancher, a *Imperial Typographia de Pierre Plancher-Seignot*. No que correspondia aos objetivos do periódico, Berçot (2012, p. 5-6) identifica o esperado por Plancher:

No entender do redator, o *Espelho* devia colaborar para elevar as mulheres da Corte a um patamar de esclarecimento compatível com os exigidos novo país independente, e que pretendia para si um lugar entre as nações civilizadas do Ocidente. Mais do que isso: buscava-se corrigir um problema histórico, que afetava a condição da mulher na sociedade brasileira.

Todavia, de acordo com Brasil (2020), a emancipação feminina presente no jornal era relativa, distante das noções contemporâneas estabelecidas sobre igualdade entre os gêneros, algo ainda absolutamente fora de questão para o contexto em que o periódico circulava. Assim sendo, o pensamento exposto em suas páginas não passava de suposições masculinas no que tange à figura da mulher idealizada: mansa diante à estrutura moral opressora do Estado, mas sem ir além dos campos os quais o homem desempenhava majoritariamente o seu papel socialmente estabelecido.



O Espelho Diamantino foi veiculado pela última vez no ano de 1828. Por fim, a existência do periódico possibilitou e inspirou a criação de outros com o mesmo escopo que surgiram posteriormente. Semelhante ao que foi afirmado por Almeida (1998, p. 40), a imprensa feminina “[...] possibilitou romper com a invisibilidade, expôs sentimentos e aspirações, exibiu reivindicações [...] conseguindo assim que a Sociedade, eminentemente masculina da época, voltasse seu olhar para as necessidades femininas”. É evidente a importância social do jornal, que deu início à imprensa feminina no Brasil e abriu as portas para um novo modo de produção voltado aos ideais das mulheres anos mais tarde.

O JORNAL DAS SENHORAS: O PRIMEIRO PERIÓDICO FEMININO BRASILEIRO PRODUZIDO POR MULHERES

O Jornal das Senhoras foi o primeiro periódico feminino fundado e dirigido por uma mulher, a argentina Joana Paula Manso de Noronha. Segundo Lima (2007), o jornal de Joana Paula Manso de Noronha foi também um dos primeiros a contar de fato com mulheres na redação, conseguindo ultrapassar os limites da moda, literatura e dicas domésticas, audaciando ao lançar protestos, ainda que tímidos, aos homens e sua maneira possessiva de tratar as mulheres da época.

De acordo com Muzart (2003), Joana Paula Manso de Noronha foi uma feminista obstinada, que seguia ideologias de progresso em direção à liberdade, tendo como meta a educação e a fim de transmitir ideias, iniciou-se no periodismo. O jornal idealizado por Joana de Noronha fora o berço da imprensa feminista no Brasil e serviu de estímulo para que novos periódicos do gênero surgissem no país, pois através dela outras mulheres se encorajaram a exercer o ofício de jornalistas.

O jornal teve sua primeira publicação veiculada no dia primeiro de janeiro de 1852 na cidade do Rio de Janeiro. O periódico tratava de temas como moda, literatura, belas artes, teatros e críticas, chegando a conter desde contos e crônicas até partituras de músicas. Suas primeiras edições possuíam em média de 8 a 10 páginas e já nas primeiras veiculações, no ano de lançamento, emitia falas de estímulo e encorajamento à emancipação moral da mulher, tal como pode ser visualizado no trecho a seguir:

Figura 2 - Declaração sobre a emancipação moral da mulher no *Jornal das Senhoras*

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

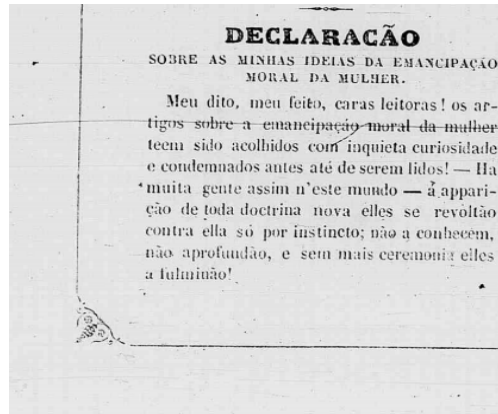
22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPEG

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE



Fonte: *O Jornal das Senhoras*, ano I, 4 ed. 1852, p. 27.

Pode-se dizer que o *Jornal das Senhoras* possuía um escopo positivista, civilizatório e direcionado ao público feminino, à medida que, tendo passado pela direção de três redatoras-chefe, cada uma trouxe ao escopo o que mais lhe era conveniente. Destaca-se a regência de Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco, compreendida entre 1852 e 1853, na qual assuntos como a emancipação da mulher eram pautas que geravam longos textos nas edições do periódico. Entretanto, observa-se o tom ameno e cristianizado que a escritora usava, justificando às leitoras a ideia de um “feminismo” por um viés menos radical, ainda defendendo a mulher como zelosa pelo lar e cuja obrigação moral com a sociedade era o matrimônio e com Deus era, afinal, a maternidade.

Assim sendo, e com associação espantosa ao que posteriormente será contextualizado como as permanências no século XXI, as redatoras do jornal faziam ponderações importantes sobre o que se esperava - e sobre o que *não* se esperava - da mulher e do homem, tal como pode ser visto na “máxima” veiculada na primeira edição do impresso no ano de 1853, que dizia: “O homem que perde a vergonha póde talvez repará-la de futuro, mas a mulher que uma vez perdeu o pejo, tarde ou nunca mais o restaura”.¹⁰

Sob a perspectiva de que a cidade do Rio de Janeiro passava por mudanças cruciais na sua infraestrutura como a criação de uma rede de esgoto e iluminação a gás, bem como na sua arquitetura, remoldada diretamente da França, faz sentido que no centro de transmissão de conhecimento da primeira fase do jornalismo no Brasil e, principalmente no jornalismo

¹⁰ *O Jornal das Senhoras*, ano II, 1 ed. 1853, p. 6.

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPEG

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

elitizado, o escopo civilizatório tornar-se-ia o principal meio de difusão da educação feminina no século XIX. Entretanto, essa educação formal se limitava aos conhecimentos da música, dos afazeres domésticos e dos trabalhos manuais, o que era questionado inclusive por leitoras do impresso, a exemplo de uma de apenas 14 anos de idade que, na edição de 20 de agosto de 1852, questionou sobre a educação da mulher brasileira (Apud LIMA, 2011, p. 229).

Mediante análise, infere-se que o *Jornal das Senhoras* tinha um escopo feminino, e não feminista, e ainda que manifestasse grande progresso ao que era sabido sobre a emancipação feminina na época, não se pode subtrair disso o caráter domesticador que o jornal circulava. O jornal apresentava, assim, material de estudos, um verdadeiro projeto pedagógico para as meninas e mulheres que desejavam se aprofundar nos ideais femininos do período imperial.

O JORNAL *A ROSA*: A ASCENSÃO DA IMPRENSA FEMININA EM GOIÁS

Fundado em 1907, na atual Cidade de Goiás, *A Rosa* foi responsável por estreitar a imprensa feminina no Estado, pois se tratava de um material feito *por* mulheres e *para* mulheres, ainda que tivesse algumas contribuições de autores sob pseudônimos femininos (BORGES; OLIVEIRA, 2015). O escopo cativante era novidade para o cenário social daquela pequena cidade com seu conteúdo diverso e inovador impresso em páginas cor-de-rosa. As poucas fotos das pouquíssimas edições remanescentes do periódico não conseguem transparecer a beleza e o capricho que eram estampados em suas edições, como denota a figura a seguir.

Figura 3 - Capa do jornal *A Rosa*



Fonte: Jornal *A Rosa*, ano II, 3- ed. 1908, p. 1.



O surgimento do jornal *A Rosa* se deu em um momento específico pelo qual passava a antiga Vila Boa de Goyaz, que se mostrou propício à criação de um material dedicado ao público feminino que pudesse ter um escopo intelectual.

A cidade vivia um momento de renovação. Alguns nomes de referência no ambiente intelectual haviam falecido (Felix de Bolhões, Edmundo Xavier de Barros, Alceu Victor Rodrigues, Ygino Rodrigues, Matias da Gama) e a juventude impulsionada pelos seus exemplos e pela movimentada vida literária do início do século, encontrou nesse ambiente inúmeras possibilidades de expansão [...] Além disso, a escrita feminina foi estimulada (BRITTO; SEDA, 2009, p. 70 *apud* BORGES; OLIVEIRA, 2015, p. 7).

A partir daí, sob o comando de Heitor de Moraes Fleury e redigido pelas redatoras Rosa Santarem Godinho, Alice Augusta de Santana Coutinho, Leodegária de Jesus e Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas o jornal deslanchou e assim fez florescer não só roseiras no papel, mas também um novo cenário que assinalava uma abertura intelectual para as mulheres.

Em suas páginas, eram abordados assuntos diversos como a “cobertura dos eventos ligados à intelectualidade vilaboense, beleza feminina, reconhecimento à colegas de trabalho e outras personalidades, amor, ciúme, traição, inveja, confiança, a condição da mulher no casamento e o culto às terras goianas”, todos eles escritos em uma variedade de gêneros textuais como contos, crônicas, notas, perfis e artigos (BORGES; OLIVEIRA, 2015, p. 11). Ainda segundo os autores, o jornal *A Rosa* era redigido em sua maior parte por um quadro de redatoras composto por jovens moças intelectualizadas, entretanto, os cargos mais altos do jornal eram ocupados por homens e as colaborações de textos de autores masculinos estavam muito presentes nas edições.

O jornal conseguiu se consagrar enquanto periódico feminino e ainda contou em seu corpo editorial com Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, mais conhecida pelo marcante pseudônimo de Cora Coralina, poetisa e contista goiana, considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras. Nacionalmente reconhecida, Cora Coralina começou a publicar seus textos no *A Rosa* aos 16 anos, mesmo com pouca instrução, e lá cresceu não só como escritora, mas também como jornalista (BORGES; OLIVEIRA, 2015).

Apesar de não promover mudanças profundas como a igualdade de gênero entre outras lutas do movimento feminista, o periódico *A Rosa* mexeu com a história das mulheres na



imprensa pelo simples fato de existir e perdurar enquanto produção jornalística feminina. Em vista disso, mesmo que não possa ser considerado um jornal feminista, o *A Rosa* não perde a sua importância no que diz respeito a promoção de um pensamento progressista de que a mulher também poderia usar as palavras como forma de manifestar suas ideias, opiniões e pensamentos a fim de granjear seu lugar como membro ativo da sociedade.

CONSIDERAÇÕES

Analisando a trajetória da imprensa brasileira, é possível observar, até por questões sociais e de gênero vigentes da época, que a mulher não obtinha papel de destaque, chegando a atuar profissionalmente na imprensa, mas de maneira velada, se escondendo atrás de pseudônimos. A imprensa feminina nasceu através de um escopo moralista, escrita e dirigida inicialmente por homens e ditando normas de conduta sociais referentes ao padrão feminino considerado ideal por eles, com conteúdos que destacavam assuntos domésticos e ligados a lazer. Assuntos como política e questões sociais não eram representados ou difundidos, pois acreditavam não ser condizentes com o papel que a mulher desempenhava, tampouco adequadas às suas “capacidades intelectuais”.

Somente em meados do século XIX, comportamentos importados da Europa, principalmente da França, como a abertura das casas de elite, popularização de salas de visita e salões de socialização com realização de saraus noturnos, jantares e festas, os conceitos sociais começaram a ser ampliados. Como destacado por Lima (2010), a partir daí foram atribuídas novas funções a esposa, por meio de sua postura nos salões, como anfitriã, contribuía para o projeto familiar de ascensão social, sendo uma figura além de boa mãe e esposa-modelo. Neste novo contexto de transformações familiares deu-se a relevância da educação feminina a fim de tratar de assuntos que favorecessem a educação cultural, sendo vista como potencial de crescimento e destaque do marido e da família perante a crítica social. A partir de então surge a posição de destaque da imprensa feminina, ressaltando as potencialidades da figura da mulher.

Com esse conceito de postura voltada ao social, além do doméstico, a imprensa teve forte representação e participação, sendo fundamental para a difusão da moda e costumes europeus no Brasil, sendo considerada por autores até como vetor civilizador do Brasil



Imperial. Costumes estes, ligados tanto ao imagético-estético quanto ao político-social, visto que trazia discussões vigentes no hemisfério Norte, combatendo a ignorância e defendendo os direitos de emancipação social da mulher. Discussões que partiram de uma perspectiva sucinta e acanhada progredindo posteriormente a assuntos que levaram, mais tarde, a discussão do posicionamento social mais ativo da mulher, como o sufrágio, o divórcio e o direito aos estudos liberais. Sendo assim, o jornalismo que até então esboçava questões femininas, relacionado a questões da mulher como ser, foi fundamental para o surgimento de uma futura postura feminista, direcionada ao ter direitos, por exemplo, que propiciaram a mulher a lutar pelo seu espaço na sociedade.

Em Goiás, a trajetória da mulher no jornalismo se deu mais tardiamente, quando comparada à imprensa da região sudeste do país, visto o retrocesso do estado em relação à Corte e regiões mais influentes do Brasil. O primeiro jornal goiano voltado para o público feminino tratava apenas de assuntos culturais, mas já trazia corpo editorial composto por mulheres que escreviam para mulheres afim de dar voz e representatividade ao público feminino que consumia avidamente os escopos abordados, chegando inclusive, a apresentar uma das poetisas mais conhecidas da história de Goiás, Cora Coralina.

Por isso, dar vazão às vozes dessas mulheres silenciadas pela história demonstra-se cada vez mais importante. Conclui-se neste trabalho, afinal, que o jornalismo feminino no Brasil deu-se enquanto luta, uma vez que o espaço nas redações foi devidamente conquistado através do esforço, da revolta, da sagacidade, da audácia e da inteligência da mulher brasileira do século XIX.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 79, n. 191, 1998.
- BERÇOT, Fernando. O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. OFÍCIO DO HISTORIADOR: ENSINO E PESQUISA, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2012.
- BRASIL, Pedro. **O Espelho Diamantino, para as senhoras brasileiras**. Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em:



<<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/espelho-diamantino-senhoras-brasileiras>>. Acesso em: 02 dec. 2020.

CASADEI, Eliza Bachega. A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. In: **Revista Alterjor**, v. 1, n. 3, 2011.

DAL GOBBO, Elaine. Conquistas femininas e sua influência na segmentação do mercado editorial de publicações impressas brasileiras voltadas para as mulheres. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10., 2012, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2015.

DIAS, Suelly Maria Maux. **Imprensa feminina, folhetim e histórias de vida**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

JOUSLIN, Claire Boulard. **Dealing with the 'Fair Sex': Women and the Periodical Press in the Nichols Collection**. Cengage Learning. 2017. Disponível em: <<https://www.gale.com/intl/essays/claire-boulard-jouslin-dealing-with-fair-sex-women-periodical-press-nichols-collection>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

KOSHIYAMA, Alice. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: INTERCOM, 2001.

LIMA, Joelma Varão. "Jornal das Senhoras": as mulheres e a urbanização na Corte. In: **Cadernos CERU**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 227-240, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11926>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

LIMA, Joelma Varão. **O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)**. 2012. 191 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12745>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, Revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 221-240, dez. 2007.

LOBATO, Mayara Luma Maia. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9., 2013, Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: UFOP, 2013.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(1):336, jan-jun. 2003.

OLIVEIRA, Júnior César Pereira de; BORGES, Rosana Maria Ribeiro. Jornal A Rosa (1907): Cora Coralina e o nascimento da imprensa feminina e literária em Goiás. In: MAIA, Juarez Ferraz de (org.). **Estudos Contemporâneos em Jornalismo: Atualidades**. Goiânia: Editora UFG, 2015, p. 145-164.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Biblioteca Nacional, [S.I.]. 2009. Disponível em:

5° ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização:

Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio:

UFMS

<<https://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/josefina-alvares-azevedo-voz-feminina-seculo-xix>>. Acesso em: 01 dec. 2020.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.